Globethics Repository



Paz no futebol [Peace in football]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Lopes, Felipe
Publisher	Espaço Ética Ltda.
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-16 04:48:39
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/233820

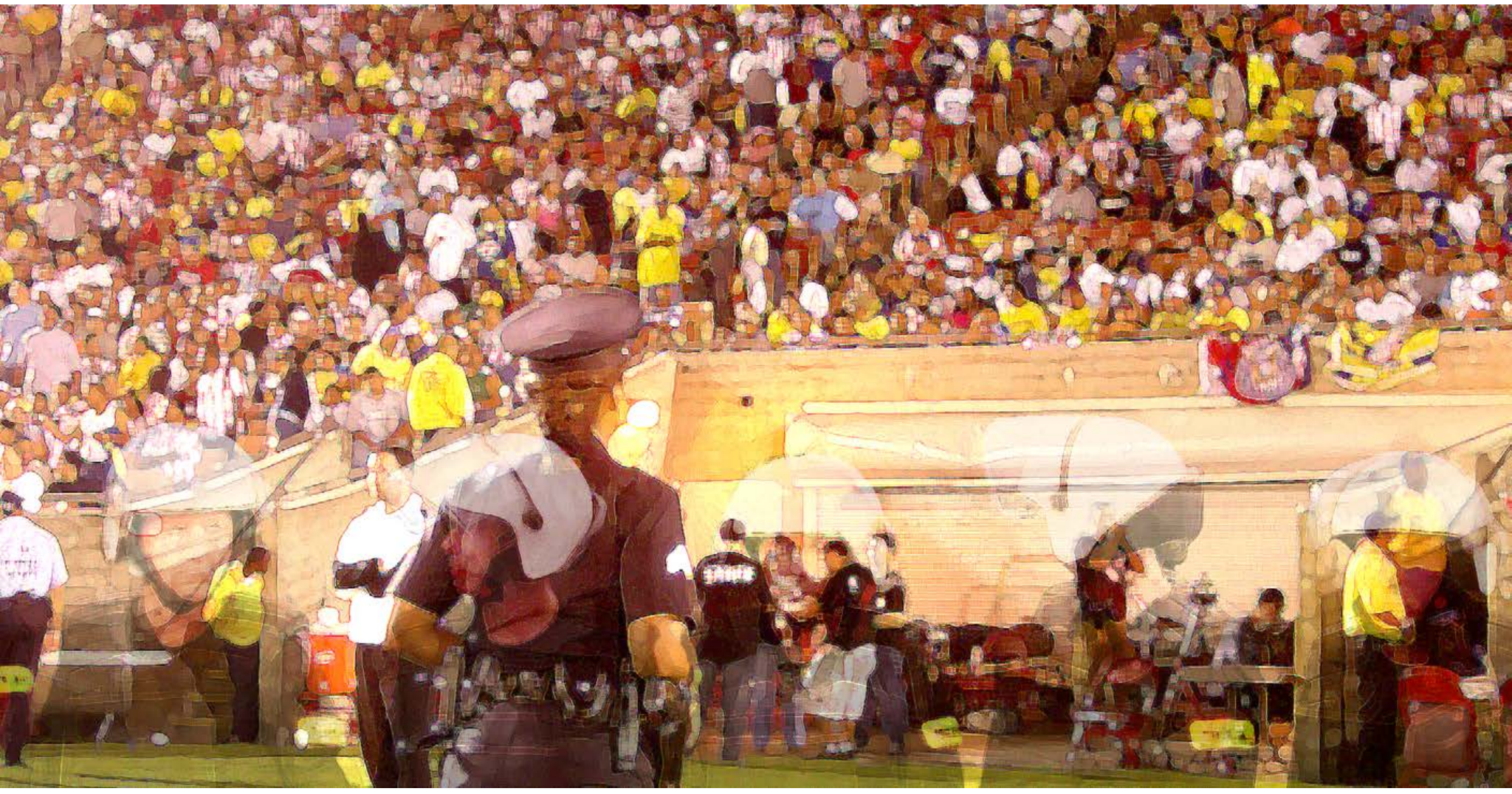
REVISTA
espaçoética
EDUCAÇÃO, GESTÃO E CONSUMO

SÃO PAULO, ANO II, N. 05, MAI./AGO. DE 2015

ISSN 2359-5795



O sistema educacional brasileiro torna vulnerável o exercício da democracia?



Paz no futebol:
Em defesa da educação e do diálogo com o(a) torcedor(a)

Felipe Lopes[1]

No final da década de 1980, com o assassinato de um dos dirigentes e fundadores de uma torcida organizada do Palmeiras, a Mancha Verde[2], a violência no futebol brasileiro passou a ganhar uma dimensão pública maior, entrando definitivamente na agenda dos meios de comunicação e sendo alçada à condição de problema social. Em meados da década seguinte, após aquela que ficou conhecida como a "batalha campal do Pacaembu" – quando torcedores do Palmeiras e do São Paulo invadiram o gramado e se enfrentaram violentamente com paus, pedras e outros artefatos, resultando na morte de um torcedor e numa centena de feridos –, a preocupação pública em relação ao tema da violência amplificou-se ainda mais. Desde então, muito se tem falado, escrito e debatido sobre ele. Paradoxalmente, há um silêncio em relação ao "outro lado da moeda": a paz no futebol. Há uma enorme lacuna na literatura especializada no que diz respeito ao assunto. Diante disso, neste texto, decidi tomá-lo como meu objeto de investigação. Para tanto, organizei o texto em duas partes interdependentes: na primei-

1 Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo e em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio pós-doutoral na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso. lopesftp@gmail.com
2 Atual Mancha Alviverde.

ra, apresentei os conceitos de Johan Galtung de violência e de paz. Na segunda, argumentei que, assumindo os conceitos do autor, a paz no futebol deve ser buscada através de meios pacíficos, o que implica investimento na educação e no diálogo com o(a) torcedor(a)[3].

I – Violência e paz no futebol: fenômenos multidimensionais

Em trabalhos anteriores (LOPES, 2013), discuti a pertinência da obra de Galtung para a análise dos conflitos violentos. No seu clássico *Violence, Peace and Peace Research*, o autor (1969/1985) vincula as noções de paz e violência, compreendendo a primeira como sendo a ausência da segunda, ou seja, a paz seria a negação ou a redução de todo tipo de violência. Assim, seguindo as reflexões de Galtung, para definirmos paz, precisamos definir violência. De acordo com ele, esta última pode ser definida como sendo "a causa da diferença entre o potencial e o efetivo, entre aquilo que poderia ter sido e aquilo que realmente é. A violência é aquilo que aumenta a distância entre o potencial e o efetivo, e aquilo que cria obstáculo para o decrescimento desta distância" (p. 31). Conforme exemplifica o autor: uma morte por tuberculose no século XVIII dificilmente pode ser considerada uma violência, dado que ela era praticamente inevitável. Porém, hoje em dia, esse tipo de morte deve ser assim considerado, pois já existem diversos recursos médicos disponíveis que podem evitá-la facilmente.

Independentemente dos problemas que essa definição possa suscitar, ela possui a vantagem de evitar uma tendência, prevalente na literatura acadêmica e também no senso comum, de reduzir a violência à privação de saúde imposta intencionalmente por um agente. Em outras palavras, a violência é um fenômeno multidimensional, não se reduzindo a apenas uma de suas formas: a direta e física. Conforme observa Galtung (1985), se a reduzimos a isto, corremos o risco de aceitar que práticas sociais inaceitáveis, apesar de tudo, podem ser compatíveis com a paz. Se a paz é a negação da violência, e se ela é um ideal, então seria demasiadamente pouco rechaçar apenas a violência direta e física. É preciso, também, rechaçar outras formas de violência, como, por exemplo, a estrutural.

A violência estrutural é aquela que não é cometida diretamente por uma pessoa ou por um grupo de pessoas. Trata-se, portanto, de uma violência indireta. Uma violência que está presente na injustiça social e que, nas palavras de Galtung (1985, p. 36), "[...] está edificada dentro da estrutura, e se manifesta como um poder desigual, e consequentemente como oportunidades de vida distintas". De acordo com o autor, enquanto a violência pessoal é mais visível, a violência estrutural costuma ser mais silenciosa. Às vezes, pode parecer tão natural quanto o ar que respiramos e, por essa razão, é mais difícil de ser percebida. Escreve ele: "o objeto da violência pessoal percebe usualmente a violência, e pode queixar-se; porém o objeto da violência estrutural pode ser persuadido para não vê-la em absoluto" (p. 43).

Embora menos visível, ela não é, necessariamente, menos prejudicial. Por exemplo: o abandono e o esquecimento podem ferir até mais do que uma chicotada. No futebol, a violência estrutural está presente em diversos fenômenos, como no processo crescente de elitização dos eventos futebolísticos, que exclui as classes populares dos estádios e mina uma cultura popular de torcer. Ou, ainda, na exclusão dos torcedores dos processos decisórios acerca dos rumos do esporte. Por essa razão, entendo que o processo de transformação dos conflitos no futebol brasileiro deve prever o direito de participação das pessoas por ele afetadas – em especial, aquelas habitualmente excluídas das posições de poder –, conforme veremos no próximo tópico.

3 A partir daqui, a fim de aliviar o texto, abandonarei a fórmula "o(a)" e passarei a adotar o genérico masculino.

II – Educação e diálogo com o torcedor: meios pacíficos para a paz

Há décadas investe-se, de modo maciço e sistemático, na repressão contra a violência de torcedores. Embora, obviamente, em alguns momentos a repressão seja, de fato, necessária, os resultados desse (enorme) investimento indicam que é preciso pensar caminhos alternativos. O caso britânico é ilustrativo: na década de 1980, durante o governo conservador de Margaret Thatcher, a repressão aos hooligans chegou ao seu ápice. No período, o futebol britânico tornou-se extremamente policiado e normatizado. Isso, no entanto, não impediu que algumas das maiores tragédias da história do futebol mundial ocorressem – tais como o massacre de Hillsborough, quando 96 torcedores do Liverpool (na sua maioria, jovens) morreram pisoteados e/ou esmagados contra o alambrado. Embora a imprensa sensacionalista tenha atribuído essas mortes a ações dos hooligans, o famoso Relatório Taylor mostrou que foram ocasionadas pela superlotação da arquibancada, por decisões equivocadas da polícia e pela estrutura inadequada do estádio, ainda que ele fosse considerado um dos mais modernos do período (GIULIANOTTI, 2002).

Além de não conseguir evitar tragédias de grandes proporções, o aumento da repressão tende a agravar a violência física e direta, em vez de reduzi-la. Primeiro, porque tende a deslocar os embates entre grupos rivais para lugares afastados dos estádios e menos policiados, tornando seu controle mais difícil, custoso e imprevisível. Há, inclusive, diversos registros de embates em dias em que não há jogos. Segundo, porque tende a ampliar o uso de armas brancas ou de fogo, já que o torcedor violento passa a "ter" de causar o maior dano no menor tempo possível. Terceiro, porque, ainda que grande parte do público de futebol seja constituída por pessoas *a priori* pacíficas e ordeiras, essas pessoas tendem a responder negativamente a qualquer forma de desrespeito contra elas. Para piorar, o aumento da repressão também tende a agravar a violência estrutural, já que tende a passar por cima de direitos fundamentais. Por exemplo, em alguns países europeus, tem-se adotado uma política de gestão do risco que descarta o princípio da presunção da inocência (TSOUKALA, 2014).

Assim, diante do esgotamento do paradigma repressivo, minha aposta é na educação e no diálogo com o torcedor. Isso, obviamente, não impede que medidas de outra natureza também sejam tomadas. Pelo contrário, o investimento na inteligência policial, por exemplo, é absolutamente necessário para a prevenção da violência. Da mesma forma, não podemos perder de vista a importância de se estabelecerem planos de ação eficientes para os dias de jogos e a importância de os estádios terem uma boa infraestrutura. No entanto, sem educação e sem diálogo – dois pontos habitualmente deixados de lado aqui no Brasil –, não é possível caminharmos em direção à paz. Comecemos pelo diálogo[4].

Em primeiro lugar, a criação de canais de diálogo com o torcedor justifica-se pois, conforme já foi sugerido, se assumirmos uma concepção ampliada de paz – como a do Galtung –, não podemos aceitar práticas estruturalmente violentas como compatíveis com a paz. Pelo contrário, o caminho para a paz deve ser estruturalmente pacífico. Por conseguinte, o torcedor deve ter, necessariamente, o direito de participar do debate e das decisões sobre os rumos do futebol profissional. Assim, ele deve estar presente, por exemplo, nas comissões em que são elaboradas as políticas públicas dirigidas a eles próprios, tais como a Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espetáculos Esportivos (Consegue), dos ministérios do Esporte e da Justiça.

Em segundo lugar, a criação de canais de diálogo com o torcedor justifica-se pois isso tem sido feito com muito sucesso em outros países, como a Alemanha. Desde o início da década de 1980, os Projetos Torcedores (Fan Projekts, em alemão)[5] realizam

4 Este, obviamente, não deve ser confundido com negociação clandestina, mas deve ser feito de forma pública e democrática (ALABARCES, 2012).
5 Tais projetos são conduzidos por funcionários treinados em assistência social, trabalho com jovens e educação comunitária (GIULIANOTTI, MILLWARD, s/d).

um trabalho de mediação que tem ajudado a garantir que qualquer interação ambígua e problemática dos torcedores com a polícia não se deteriore em desordem e detenção policial. Também têm ajudado a mostrar os interesses dos torcedores (sobretudo dos jovens) para as autoridades públicas e do futebol e trazê-los para o debate de forma construtiva. Graças à integração dos torcedores no debate, o futebol alemão possui ingressos a preços razoáveis e mantém viva uma cultura popular de torcer, possuindo uma das arquibancadas mais vibrantes e invejadas da Europa (GABRIEL, 2013). Lembrando que, na Inglaterra, onde se optou por um caminho menos inclusivo, "[...] os seguranças expulsam aqueles que se levantam e obstruem a visão dos outros. Os torcedores que gritam nas partidas de futebol podem ser acusados de transgredir a ordem pública de acordo com a legislação recente" (GIULIANOTTI, 2002).

Por sua vez, o investimento na educação justifica-se pois ele é fundamental para uma transformação cultural ampla, que contribua para aumentar o nível de tolerância nas arquibancadas e o respeito aos direitos humanos. Educação, aqui, evidentemente, não deve ser confundida com uma estratégia de "docilização" do torcedor, de controlá-lo, mas como aquilo que lhe possibilite refletir sobre sua inserção no mundo social e pensar criticamente questões como o racismo, a homofobia e o sexismo, como fazem os Projetos Torcedores. Não à toa, uma orientação central desses projetos é fornecer apoio aos torcedores para lutar por uma cultura de torcer livre da discriminação, sendo que seu objetivo pedagógico é justamente estruturar esse processo, de tal modo que ele ocorra democraticamente (GABRIEL, 2013).

Para o desenvolvimento da referida cultura, não basta, todavia, a produção de campanhas educativas. Afinal, conforme nos recorda Andreas Zick (2013), elas podem aumentar a comunidade de torcedores progressistas, mas não atingem os mais xenofóbicos, racistas, homofóbicos e intolerantes de uma forma geral. Por essa razão, considero fundamental a criação de espaços de intervenção pedagógica no Brasil que sejam guiados pela experiência concreta dos torcedores, tal como ocorre na Alemanha. Evidentemente que a realidade brasileira é diferente da alemã e que, por isso, o modelo alemão não deve ser implementando no país sem as devidas mediações sociais e culturais. No entanto, ele não deixa de ser uma importante referência, na medida em que traz subsídios para pensarmos meios pacíficos para a paz no futebol.

Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. *Crónicas del aguante:* fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

GABRIEL, Michael. 20 years of KOS 20 of advice, dialogue and networking. In: GABRIEL, Michael; SELMER, Nicole; THALER, Heidi. (Eds.). *Fan work 2.0.* Future challenges for the pedagogical work with football fans. Frankfurt; Main: Imprenta, Obertshausen; 2013. p. 27-40.

GALTUNG, Johan. Violencia, paz e investigación sobre la paz. In: _____. *Sobre la paz.* Barcelona: Editorial Fontamara, 1969/1985. p. 27-72.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol:* dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

_____; MILLWARD, Peter. The role of fan projects in avoiding conflict at football matches. *ICSS Journal*, v. 1. n. 4, p. 67-71, s/d.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Os conceitos de paz e violência cultural: contribuições e limites da obra de Johan Galtung para a análise de conflitos violentos. *Athenea Digital,* v. 13, n. 2, p. 160-177, 2013.

TSOUKALA, Anastassia. Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades? In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. *Hooliganismo e Copa 2014.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. p. 21-36.

ZICK, Andreas. Group-focused enmity in football: observations and challenges. In: GABRIEL, Michael; SELMER, Nicole; THALER, Heidi. (Eds.). *Fan work 2.0.* Future challenges for the pedagogical work with football fans. Frankfurt; Main: Imprenta, Obertshausen; 2013. p. 67-79.

Imagens: www.freeimages.com